



**Teatro das Figuras** Faro  
**30 out. | 10h30 e 14h30**  
**Cineteatro Louletano** Loulé  
**04 dez. 10h30**

M/15 | 50 min.  
 escolas do ensino secundário

**caravela** Leonor Cabral **teatro**  
**pelo amor é que vamos**  
 Cátia Oliveira/ A Garota Não **texto**  
 A Cristina Faz **ilustração**



**Teatro das Figuras** Faro  
**31 out. qui | 21h30**

**Rasha Nahas band** (Palestina) **concerto**  
 M/12 | 70 min. | 6€



**Teatro das Figuras** Faro  
**7 nov. qui | 10h30**  
**Cineteatro Louletano** Loulé  
**26 nov. ter | 10h30**

**Fazer Uma Canção** Teatro Praga **teatro**  
 M/6 | 40 min.  
 1ª e 2ª ciclos do ensino básico



**Teatro das Figuras** - Faro  
**8 nov. sex | 21h30**  
**CRU** Manel Cruz **música**  
 M/12 | 70 min. | 10€



**Teatro das Figuras** - Faro  
**22 nov. sex | 21h30**  
**... e vi o céu**  
 José Laginha e Marlene Vilhena **dança**  
 M/12 | 50 min. | 10€



**Cineteatro Louletano** Loulé  
**27 nov. qua | 21h00**  
**Sons of Sissy** dança/ música **Áustria**  
 Simon Mayer/ Art in Motion  
 M/18 | 65 min. | 8€

**Cineteatro Louletano** Loulé  
**6 dez. sex | 21h00**

**Don't Stop** dança contemporânea **Chéquia**  
 Tereza Lenerová, Floex and coll.

**Under the Flesh** Bassam Abou Diab **Líbano**  
 dança contemporânea e música ao vivo  
 M/12 | 70 min. | 8€



**Escolas do ensino básico** Faro, Loulé e Quarteira  
**14 a 16 out.** | 2ª e 3ª ciclos do ensino básico

**A Tua Voz importa/ Política para Crianças**  
 Mafalda Cordeiro **ateliers escrita criativa**



**Cineclube de Faro - Auditório do IPDJ** Faro  
**14 nov. qui | 21h30**

**A queda do céu** filme documentário **Brasil**  
 Eryk Rocha e Gabriela Carneiro da Cunha  
 M/12 | 110 min.  
 entrada livre



abrir fissuras, criar discontinuidades,  
 romper, pensar de forma alternativa,  
 promover a criação de outros olhares,  
 é muito o papel de quem cria,  
 e deverá ser o treino a que não nos  
 devemos furtar

## Fazer diferente: outra maneira de habitar a Terra

Viriato Soromenho-Marques

A primeira vez que escrevi sobre um tema relacionado com a crise global do ambiente foi em 1976. Se compararmos a Terra de 1976 com o nosso mundo de 2024, podemos considerar que mudámos de um planeta exuberante para outro mais depauperado. Nesse ano, a concentração média anual de dióxido de carbono (CO2) na atmosfera foi de 332,03 ppmv (partes por milhão de volume). Em maio de 2024 a concentração ultrapassou as 426, 7 ppmv. Desde o início da Revolução Industrial (1750), a concentração de CO2 aumentou mais de 50%. Por outro lado, em julho de 1969, quando a Apollo 11 permitiu a primeira caminhada humana na Lua, a população mundial rondava os 3,6 mil milhões de seres humanos. No final de 2024, seremos quase 8,2 mil milhões. O dobro da população de 1969, com mais mil milhões! Não só a temperatura média à superfície do planeta se encontra num processo de rápida ascensão - já aumentámos +1,2°C em relação ao período pré-industrial (1850-1900) - como os indicadores de biodiversidade declinaram de modo alarmante. Segundo o relatório do WWF, *Living Planet Report 2020*, entre 1970 e 2016 ocorreu uma redução de 68% nas populações de mamíferos, aves, anfíbios, répteis e peixes. No caso das regiões subtropicais das Américas, local da queda mais abrupta em todo o planeta, o declínio foi de 94%.

O planeta está em mudança acelerada, mas no sentido errado. Quando em 2000, os cientistas Paul Crutzen e Eugene Stoermer propuseram que a partir de meados do século XVIII fosse reconhecida uma nova época geológica, sucessora do Holocénico (ou Holoceno), designada como Antropocénico (ou Antropoceno), isso apenas traduziu uma realidade material e objetiva: a espécie humana é hoje a maior força transformadora tanto do *hardware* (litosfera, atmosfera, biosfera, criosfera e hidrosfera) como do *software* (circulação oceânica e atmosférica e ciclos biogeoquímicos, etc.) da Terra. As alterações antrópicas introduzidas sobre as propriedades emergentes do Sistema Terrestre, como é caso da temperatura média, entre outras, poderão repercutir-se por milhares e milhões de anos.

No entanto, a época do Antropocénico comporta em si um paradoxo. As alterações produzidas pela espécie humana são contrárias aos interesses mais básicos da humanidade. Estamos a transformar o único planeta

berço de vida complexa, até hoje identificado em todo o universo conhecido, num deserto hostil à vida em geral, e à vida humana em particular. A Grande Aceleração, ocorrida desde 1950 na economia mundial, depauperou o equilíbrio ecológico global. Na verdade, a humanidade, em vez do sujeito consciente e racional, como nos descrevemos a nós próprios nas lendas e mitologias prometeicas, está a revelar-se uma vítima impotente de processos destrutivos em que os humanos participam como agentes, mas tão cegos como a carga viral que se multiplica nos corpos hospedeiros até perecer no seu próprio triunfo.

Para merecer o futuro teremos de repensar os fundamentos da ação, olhando criticamente para o estado da arte das nossas conceções de mundo, não temendo partir os espelhos que nos projetam imagens falseadas de nós próprios. Teremos de abandonar a fantasia de que tudo depende de uma ingénua visão salvífica da tecnologia, como se fosse possível resgatar o futuro coletivo sem uma profunda mudança dos estilos de vida, e dos modos de governação económica e política, desde a escala local à global.

O que não sabemos é imensamente maior do que o conhecido, mas vale a pena declinar aquilo que pode servir como base mais sólida para o caminho a percorrer.

Primeiro. Não podemos nem devemos renunciar ao papel e ao poder inerente a cada indivíduo. Se continuarmos à espera de mudanças estruturais e globais para alterar o curso das coisas, apenas estaremos a renunciar ao nosso direito de participação na construção do mundo em comum. Nem que seja pela recusa, pela resistência, pela denúncia. Contudo, só a ação concertada, de indivíduos organizados em comunidades e instituições unidas pelo objetivo comum de edificar um novo modo de habitação da Terra, pacífico e inclusivo, poderá ter sucesso no longo prazo.

Segundo. O mundo em que vivemos não é apenas o dos seres humanos. Se não o percebermos, nem a nós próprios nos poderemos salvar. Como muito bem propôs Aldo Leopold, há quase um século, precisamos de uma Ética da Terra. A ética é uma forma de constituição de comunidades cujos membros cooperam uns com os outros. Os conceitos-chave são o respeito e a complementaridade. Na *comunidade-da-terra* cabem todos os humanos, todos os seres vivos, mas também a matéria inorgânica, as montanhas, os rios e os oceanos. Nenhuma ação será eticamente válida se cada transformação antrópica projetada não for submetida a uma análise dos benefícios e dos danos que ela poderá implicar para a comunidade-da-terra no seu conjunto.

Terceiro. Nenhuma atividade ou instituição humana está acima da crítica. Isso sucede em particular com as ciências. As ciências através da sua relação umbilical com a tecnologia, e também com a economia de mercado, têm de ser avaliadas com precaução. A ciência, vista como um todo, tem uma dupla face. Por um lado, ela é um foco de luz, um farol que ilumina o desconhecido, permitindo adquirir um conhecimento que abre os horizontes do mundo, cura o corpo e liberta o espírito. Por outro lado, a ciência promotora de tecnologias que promovem a guerra, o ecocídio, o extrativismo ecologicamente destruidor, é uma espada afiada ao serviço da pulsão de morte, um inimigo da possibilidade de futuro para a vida no seu todo.

Quarto. Aldo Leopold considerava que a possibilidade de alargarmos da ética atual - que historicamente sempre foi pensada como um assunto envolvendo relações exclusivamente entre humanos - para o patamar superior de uma comunidade-da-terra, dependia de um duplo e problemático desafio. Do ponto de vista objetivo e material, a sobrevivência e continuidade da nossa espécie implora pela comunidade-da-terra como uma “necessidade ecológica”. Do ponto de vista do paradigma darwinista em que se funda a biologia contemporânea, contudo, a ética inerente à comunidade-da-terra constitui apenas “uma possibilidade da evolução”.

Habitamos hoje, em Portugal, na Europa, e à escala global, essa oscilação turbulenta entre uma necessidade que é, por agora, uma mera possibilidade. Só a nossa ação concertada, fazendo a diferença de modo diferente, poderá transformar a incerta possibilidade evolutiva numa realidade que satisfaça, plenamente, a necessidade ecológica de uma ética da comunidade-da-terra. Só isso nos poderá abrir caminho, com alento e esperança, para um novo modo de habitar a Terra.

12 de setembro de 2024

nota: este texto que é uma encomenda do ciclo d’Outra maneira será também publicado no Jornal de Letras



co-produção



apoios



# jiným způsobem بطريقة اخرى ciclo d’Outra maneira بطريقة مختلفة ein anderer weg

**30 out**  
**6 dez**  
 FARO - LOULÉ

passividade e alheamento são palavras que parecem não fazer sentido quando vivemos num Mundo a caminhar para o desastre. No entanto, a realidade é estranhamente outra, deve haver alguma razão...

**encontros do DeVIR festival**

## Sermos contemporâneos esboço para um manifesto poético-político

André Barata

Temos feito tudo o que queremos do mundo e, no entanto, o pensamento que nos domina é o do fim do mundo. O que parece paradoxo deve, na verdade, ser lido como explicação. O pensamento deveria ser o de que não podemos fazer tudo do mundo, seja do mundo social, do planeta, da maneira como nos relacionamos com o tempo e com o espaço. Abstivéssemos de querer dominar o mundo e não precisaríamos de dominar melhor o seu fim.

A urgência pede teses, manifesto, a organização de um conjunto de princípios de acção, o que há que mudar, em nós acima de tudo, o que há que interpretar, sentir e fazer.

1. Tratamos as coisas como recursos, nós próprios recursos, a exploração dos seres como relação básica, universal, até na intimidade, até conosco próprios. Servimo-nos das coisas e uns dos outros, a começar cada um consigo mesmo. Se até nos exploramos a nós mesmos presume-se justificada toda a exploração. E se ainda enalteçemos o respeito que nos devemos uns aos outros, aos outros seres, até às coisas, é tendo por consciência que servirmo-nos tem de ter limites. Mas, além desses limites, resta o vazio. Como se não conhecêssemos nenhum sentido além desses limites. Era preciso povoar-nos desse vazio.

2. Olhamos para a economia como se não pudesse deixar de aumentar. O capitalismo diz que a alternativa é o declínio, o sofrimento e a morte. Aumentar a quantidade, a velocidade, o espaço do mercado, a intensidade da troca, o PIB, o PIB *per capita*, o consumo, a produção. Essa é a regra. Mas o planeta é finito e não suporta indefinidamente o aumento. É uma ilusão achar-se que é sempre possível mais. Há que pensar noutro modo de crescimento. Uma pessoa só cresce aumentando de tamanho até ser adulta. A maior parte da sua vida é composta por oportunidades de crescimento de outra maneira. Não é preciso antropomorfizar a economia, mas a analogia ilumina. Em estado adulto, crescer não significa aumentar, mas incorporar no estar e no agir o mundo que nos

acolhe. Significa conhecer-se, perguntar-se porquê aumentar e se aumentar não é apenas uma fuga às perguntas que têm de ser feitas. Uma economia, um sistema de produção e distribuição de recursos, precisa de conhecer-se desta maneira, seguindo o propósito deste crescimento para dentro, incrustado no mundo.

3. Iludimo-nos colectivamente quando falamos de desenvolvimento sustentável como o esforço de tornar sustentáveis as escolhas que não questionamos. Apenas redimensionamos as escolhas, ou nem isso, apenas tudo em formas de as manter, até de manter a tendência de as engrandecer sem multiplicar os impactos. Praticada assim, a sustentabilidade é forma de adiar a transformação, evitar as questões de fundo, em rigor uma manobra de diversão, até na habilidade como se vai rebaptizando em desenvolvimento durável, regenerável, toda uma indústria da adaptação. Não questiona, nem responde. Fica-se pelos meios e faz-se obstáculo aos fins. Era preciso quebrar a palavra des/envolvimento, guardar o envolvimento e deixá-lo fazer efeito. Por princípio, sustenta.

4. Atravessamos o espaço e o tempo como se fossem obstáculos a vencer e pudéssemos idealmente fazer colapsar o longe sobre o próximo, evaporar qualquer distância no espaço ou no tempo, tudo à mão, sem indisponibilidades, seja qual for a escala. Desafia-se sem respeito pelo que nos acolhe, e chama-se a isto inovação, progresso, desenvolvimento... Uma *hubris*, diriam os gregos. O Antropoceno é o humano ser a medida do tempo a todas as escalas, até a geológica. Haveríamos de tirar-nos essa ambição de ser a medida de todas as coisas e haveríamos de nos trazer de volta às coisas que se deixam medir, até na sua insignificância, pelo tempo cósmico.

5. Estarmos sós num universo infinito é estarmos menos sós do que sermos muitos num recinto fechado. Num universo infinito somos companhia e participamos, somos parte e uma viagem está a acontecer. Num quarto fechado, muitos, mas sós, somos a potência do conflito. Nas guerras, o mundo dos beligerantes essencializa-se, apenas uma pequena parte importa e quanto menor mais nela importa tudo, até valer as vidas, as dos próprios e as dos outros. A guerra não é um acidente em tempos de emergência climática, social e existencial, mas consequência do mesmo estado de solidão descarnada que não nos permite sentirmo-nos num universo infinito.

6. O mundo essencializado, e assim descarnado, é uma abstracção definida por um regime de funcionamen-

to. O regime é o da sobrevivência e da economia concebida como gestão da escassez. A sobrevivência compele-nos ao funcionamento. Num mundo descarnado descarnamo-nos. É a competição pelo escasso, é o capitalismo, a sociedade de classes, o Norte e o Sul globais, o mundo dividido. E é a guerra quando, de outro modo, não se consegue sobreviver. Clausewitz dizia que a guerra era a continuação da política por outros meios. Continua, mas sobre o falhanço da parte continuada. E, por isso, não é apenas continuação, mas manifestação de um mal antigo da parte continuada. Urge trazer a economia para a gestão da abundância, prestar a atenção ao inessencial, dessencializar o mundo, abri-lo, curioso, ao acidental que erra a abstracção, participar em vez de competir, ser parte em vez de sair. Sair é o caminho sem saída.

7. Por amor à justiça, devemos querer que, no que depende das nossas escolhas e acções, as gerações que nos sucedam venham a ter pelo menos as mesmas oportunidades de que beneficiámos. E devemos também querer que nós, os que nascemos neste tempo, tenhamos as mesmas oportunidades, onde quer que tenhamos nascido, sob que credo, história, ou biologia. Mas a política só como justiça é uma política só dos meios. É como construir uma casa com quartos, cozinha e sala para que nela se possa habitar e acontecer a vida. Ainda falta habitá-la. Não devemos fazer silêncio sobre os fins, precisamos de uma ideia de bem comum, imaginá-la com quem a habita, ganhar-lhe o sentido de uma afecto comum. De um ponto de vista lógico, a justiça é uma condição necessária, mas não suficiente. Sem relativizações. De um ponto de vista retórico, a justiça importa absolutamente, mas não importa tudo. Se ficarmos pela justiça não imaginamos nada. E resta o ressentimento exacerbado, a transformar a justiça em contas de deve e haver, que é a forma burocrática da lei do talião.

8. Também precisamos de nos imaginar diferentes da natureza que nos atribuímos, imaginar-nos até *contra natura*, e assim, uma a uma, sacudir as separações de fundo que estabelecemos culturalmente para com o resto do mundo. É preciso desnaturalizar imaginativamente o estar humano com o resto do mundo para que não seja apenas uma variação de modos de segregar. E, então, se possa restabelecer a ilimitada variedade de modos de estar em comum como fundo fundamental de qualquer relação. Precisamos imaginar-nos em comum com o mundo inteiro, sejam humanos, outros seres vivos, animais ou não, outras entidades, rios, montanhas, ecossistemas, com as suas partes orgânicas ou simplesmente minerais. Precisamos imaginar como quem escuta, disponíveis

para ouvir linguagens comuns que, de abstracção em abstracção, segregámos, mas permanecem por aí, até no silêncio das coisas. Ou imaginá-las como quem pratica essa escuta poeticamente. Precisamos de artistas que nos tragam de volta a linguagem do comum. Precisamos de levar com seriedade absoluta a acção poética.

9. Hoje, o futuro da humanidade apresenta-se ameaçado como talvez nunca. Contudo, também talvez como nunca não estamos presentes. Determinismos do passado vão prevalecendo sobre a imaginação do futuro, tornando o presente apenas um efeito das forças que o precedem – as desigualdades sociais, a acumulação, as persistências coloniais, a discriminação de género. Mas também um entendimento científico da vida e da história que pede mais determinismo e que nos fala de verdades como um dado inapelável. Se um comboio segue hoje desgovernado, ameaçadora colecção de riscos existenciais, é também porque deixámos de nos conseguir ver a conduzi-lo para passarmos a ver-nos por ele levados como passageiros involuntários. Vemo-nos na ponta de pêndulos, arrastados pela necessidade da gravidade, mas precisávamos de nos imaginar intervalo, como uma noite sobre a ânsia de tudo iluminar, ou como um ruído sobre o delírio da tecnologia, ou como um atrito, tanto, espesso, matérico, que possa chegar a parar o movimento. E assim ser possível tornar a começar alguma coisa, como um presente a aflorar.

10. Quando mais precisávamos de comparecer para enfrentar o futuro, vemo-nos presença consumida pelo tempo sem fissuras, presente tomado pelos espectros do passado. Vamos sendo modernos, mas a urgência é que nos envolvamos num afectuoso caso com o nosso tempo. Voltemos a ser contemporâneos e sejamos filhos, amantes e pais do nosso tempo.

## O ponto de vista dos pássaros

Pedro Eiras

Pedro Eiras

**Go, go, go, said the bird: human kind cannot bear very much reality.**
T. S. Eliot, *Four Quartets*

A humanidade não suporta demasiada realidade, diz a voz anónima do poema. Ou é o pássaro que o diz? Talvez só um pássaro possa dizer aquilo que nós, humanos, não suportamos. Aquilo que nos esforçamos – tão arduamente – por não ver.

As temperaturas médias não param de aumentar; as calotas polares derretem; multiplicam-se incêndios, secas, furacões; espécies extinguem-se a uma velocidade alarmante; a pobreza aumenta, surgem epidemias, populações são forçadas a migrar. Mas continuamos a consumir filmes em que um herói – branco, masculino, falando em inglês norte-americano – defende a humanidade de furacões, maremotos, todo um espectacular catálogo de catástrofes ecológicas. E quando nem eles conseguem preservar o planeta Terra, constroem naves para levar os *happy few* para outro canto do universo, onde tudo começará outra vez, onde tudo será igual, com a mesma humanidade e a mesma pulsão destrutiva.

Não suportamos demasiada realidade, e as histórias que contamos uns aos outros – ou a nós mesmos – têm um intenso poder soporífero. Na iminência do colapso, ainda esperamos um *deus ex machina*, providência superior que desça dos céus e regule a temperatura do nosso mundo. Que esse deus se chame ciência, ou destino, ou simplesmente sorte – é o que menos importa: quando nos sentimos ameaçados, inventamos uma história que nos ampare. Somos orgulhosos, acreditamos na nossa imortalidade: como poderíamos extinguir-nos? Na hora da catástrofe, imaginamos um anjo que venha, dos céus, travar o braço assassino de Abraão. Ou seja: é precisamente porque não suportamos demasiada realidade – que inventamos histórias à medida do nosso terror e do nosso consolo. Sobrepomos ao mundo uma narrativa com um pouco de susto, um tanto de sacrifício, e sobretudo um optimismo histórico, a toda a prova, que garanta o nosso lugar – mesmo entre ruínas.

Talvez só um pássaro possa dizer aquilo que nós, humanos, desconhecemos. Talvez só o pássaro exista tão dentro do mundo – asas contra o vento, penas misturadas no ar, fome e argúcia, vigilância inteira – que possa suportar toda a realidade. Nós, humanos, não vivemos simplesmente no mundo: vivemos na história que contamos, a nós próprios, sobre o mundo.

Mas onde existe o perigo, lembra Hölderlin, cresce também aquilo que salva. E se estamos condenados à linguagem, não estamos condenados a uma linguagem única: podemos escrever outras narrativas, criar outras palavras, fazer de outra maneira.

Na tal nave espacial que salva os *happy few*, na sempiterna trama hollywoodesca, é certo que existe pelo menos um físico, um médico, um engenheiro. Nada contra a física, a medicina, a engenharia, é claro. Mas dificilmente a nave incluirá um poeta, um bailarino, um desenhador; não há espaço na nave para as *Nymphéas* de Monet, as canções de Dowland, um jardim japonês. Os filmes-catástrofe pretendem salvar a humanidade, mas qual é exactamente a humanidade que querem salvar? Receio bem que, na nave, caiba só uma língua: a da técnica, da eficácia, da produtividade.

Fazer de outra maneira: contra a língua única, inventar línguas. Fazer de incontáveis, imprevisíveis maneiras: multiplicar narrativas. Não apenas perseguir a realidade – *very much reality*, toda a realidade possível –, mas também inventar realidades, maneira inéditas de viver a realidade. Se estamos condenados à linguagem, podemos criar pontos de fuga dentro dessa linguagem.

Por isso as artes importam tanto. Decerto elas não permitem dessalinizar água, arborizar um deserto, prevenir a malária; desse ponto de vista, não pretendem ter qualquer serventia imediata: são puro excedente, puro excesso. Mas elas são também o instante em que a linguagem, as narrativas, os gestos se reinventam; o instante em que o mundo conhecido se suspende, e finalmente nos surge magnífico, escandaloso, inquietante, festivo. No poema, ouvimos a palavra como pela primeira vez; na dança, o gesto acontece como no início do mundo; na tela, vemos a cor inteira, a cor presente, a cor sem porquê.

Vivemos num mundo ameaçado, e não sei se as artes o podem salvar. Mas elas podem, sim, salvar-nos da linguagem única, da narrativa obrigatória; podem inventar linguagens dentro da linguagem, mostrar que há outras maneiras de escrever, esculpir, dançar. Não suportamos *very much reality*? Talvez as artes sirvam ao menos para isto: inventar para nós realidades habitáveis. Talvez as artes nos concedam, por alguns instantes, o ponto de vista dos pássaros.